

Veículo: *O Estado de S.Paulo*

Data: 20/9/2009

Autor: Lourival Sant'Anna

África do Sul avança com Zuma

Analista sul-africana diz que início de governo do novo presidente mostra acertos nas áreas econômica e social

O novo presidente da África do Sul, Jacob Zuma, “liberou o gene do populismo” na política do país, mas manteve a bem-sucedida política econômica seguida há 15 anos e tem promovido a integração racial, nomeando integrantes das minorias branca (10% da população) e hindu (2%) para postos-chave do governo. O balanço dos primeiros quatro meses do governo é de Ann Bernstein, diretora do Centre for Development and Enterprise, de Johannesburg, que estuda políticas públicas.

O populismo de Zuma é produto de seu perfil pessoal. Pouco instruído - ele foi autodidata na lendária prisão de Robben Island -, Zuma fala e se comporta como o negro comum sul-africano, diz Ann. Ele tem oficialmente três mulheres e incontáveis casos extramaritais. Um vídeo feito antes da eleição mostra-o com roupas tradicionais, cantando um hino zulu. “Ele é orgulhoso de ser tribal”, disse Ann, em entrevista ao *Estado* após palestra na quarta-feira no Instituto FHC, em São Paulo.

A capacidade de comunicar-se com o povo explica a vitória de Zuma sobre o ex-presidente Thabo Mbeki na disputa pela liderança do Congresso Nacional Africano (CNA), o partido dominante no país. Zuma era vice-presidente de Mbeki, mas foi destituído em 2005 sob acusação de corrupção.

Três anos depois, desafiou a liderança de Mbeki no CNA e tornou-se presidente do partido - passo decisivo para presidir o país. O CNA domina a política sul-africana desde o fim do apartheid, em 1994. O presidente é eleito indiretamente e o CNA - que obteve 66% dos votos - tem maioria absoluta no Parlamento. Mbeki presidia o país desde 1999 e estava no fim de seu segundo mandato.

Em abril, um mês antes da eleição, a Procuradoria-Geral da República retirou as acusações de corrupção contra Zuma, “o que não é bom para a independência do Judiciário”, reconhece Ann.

Zuma é o primeiro presidente zulu, a maior etnia do país (23,8% da população). Tanto Mandela quanto Mbeki são da etnia cossa, a segunda maior (17,6%). Ann afirma que, até aqui, a ascensão de Zuma não tem despertado temores nos cossas. “Ao contrário, Zuma tem reparado parte do dano racial, em contraste com Mbeki, que lançava mão da carta racial contra seus opositores.”

Partidários de Mbeki deixaram o CNA e fundaram o Congresso do Povo, que obteve 7% dos votos na eleição de maio. “É o surgimento de uma oposição formal”, celebra Ann. “É fantástico para a África do Sul ter uma outra escolha e caminhar para uma verdadeira política partidária.” Até aqui, a maioria negra (79%) votava de modo automático no CNA.

DRAMA DA AIDS

Como arquétipo do negro sul-africano, Zuma não é um bom modelo no que se refere à epidemia de aids. Cerca de 11% dos 49 milhões de sul-africanos têm o HIV. Em 2006, durante julgamento em que era acusado de estuprar uma jovem mesmo sabendo que ela era soropositivo, Zuma explicou que tinha evitado o risco da aids por ter “tomado uma ducha em seguida”.

Depois de Mbeki ter passado parte de seu governo negando a gravidade da epidemia de aids, não é exatamente inspirador. “A batalha contra a aids requer engajamento de todos os líderes sul-africanos”, diz Ann. Desde que Mbeki reconheceu, na metade da década, a necessidade de fazer algo, o governo tem feito campanhas e conduz o maior programa de distribuição de retrovirais do mundo.

O maior problema de Zuma é o desemprego. Graças ao crescimento econômico, que entre 2004 e 2007 teve média de 5%, o índice oficial caiu nos últimos dez anos de 28% para 23,5%. Esse índice exclui a vasta mão de obra subempregada e Ann estima que o déficit de empregos formais esteja entre 36% e 38%.

Entre os jovens entre 18 e 30 anos, o índice chega a 60%. Ao mesmo tempo em que faltam empregos para a grande massa de negros sem capacitação, falta também mão de

obra especializada e de nível superior, como médicos e engenheiros. “Praticamente não há desempregados brancos e hindus”, afirma. “O desemprego é um fenômeno negro.”

Para gerar empregos formais, seria necessário mudar as leis trabalhistas, que garantem muitos direitos para quem tem carteira assinada, mas encarecem a contratação. Mas isso implicaria enfrentar os sindicatos, que têm forte influência sobre o CNA. A construção de estádios, rodovias e obras de infraestrutura para a Copa do Mundo de 2010 tem gerado empregos de baixa qualificação. A dúvida de Ann: “O que acontecerá com eles, depois da Copa?”